

**NOTA HISTÓRICA SOBRE A OCORRÊNCIA NATURAL DE
 PELTOPHORUM DUBIUM NA MATA CILIAR DO RIO URUGUAI
 A JUSANTE DE BONPLAND, CORRIENTES, ARGENTINA¹**

JOSÉ NEWTON CARDOSO MARCHIORI² DANIEL LENA MARCHIORI NETO³

RESUMO

Com base em edição facsimilar de um manuscrito de Aimé Bonpland viu-se que *Peltophorum dubium* (Fabaceae: Caesalpinioideae) foi coletada pelo botânico francês em outubro de 1855 na mata ciliar do Rio Uruguai, a jusante do atual município de Bonpland, comprovando, definitivamente, que a espécie é nativa na região e que a ocorrência no município entrerriano de Concórdia (Argentina) constitui o limite austral de distribuição da mesma.

Palavras-chave: Bonpland, canafístula, fitogeografia, *Peltophorum dubium*.

ABSTRACT

[Historical note on the natural occurrence of *Peltophorum dubium* in the riparian forest of the Uruguay River downstream of Bonpland, Corrientes, Argentina].

Based on the facsimile edition of a manuscript of Aimé Bonpland, it was proved that the species *Peltophorum dubium* (Fabaceae: Caesalpinioideae) was collected by the French botanist in October 1855, from the riparian forest of Uruguay River, downstream of the actual municipality of Bonpland, proving definitively that the species is native to the region and its occurrence in the Entre Rios municipality of Concordia (Argentina) constitutes the southern distribution limit of the species.

Keywords: Bonpland, *Peltophorum dubium*, phytogeography.

INTRODUÇÃO

A literatura sobre a canafístula (*Peltophorum dubium* (Spreng.) Taub., Fabaceae: Caesalpinioideae) ainda apresenta lacunas que seguem à espera de investigação, salientando-se o tema de sua distribuição natural. Com base na importância econômica da madeira e no sabido cultivo para fins ornamentais, graças, sobretudo, à vistosa floração estival, cabe questionar a possibilidade da dispersão dessa espécie ter sido realizada ou, pelo menos, facilitada pela mão do Homem, dúvida em que a leitura de textos hoje pouco compulsados, bem como relatos de antigos viajantes, pode vir a esclarecer, de modo definitivo.

Infelizmente, a literatura de cunho histórico apenas raramente costuma ser manuseada em nosso meio por botânicos e naturalistas, e vice-versa, com inevitáveis prejuízos para ambos. Em vez de simplesmente reproduzir informações de há muito conhecidas, o que cabe, no caso em foco, é aprofundar-se no resgate do conhecimento já existente. Esta atitude visa não apenas à justa valorização do esforço de autores e cientistas do passado, mas de verdadeiramente qualificar o trabalho a ser desenvolvido.

A título de exemplos citam-se os casos do recente “descobrimento” da planta da Redução de São Miguel Arcanjo realizada por Friedrich Sellow em 1826, e do reconhecimento de *Butia Noblicckii* como espécie distinta de *B. yatay* por Aimé Bonpland, ainda em meados do século XIX.

O primeiro caso ilustra – e de modo exemplar –, o prejuízo que a não investigação de obras e de arquivos de botânicos ou naturalistas pode acarretar ao trabalho de historiadores e à cultu-

¹ Recebido em 05-7-2016 e aceito para publicação em 17-12-2016.

² Engenheiro Florestal, Dr. Bolsista de Produtividade em Pesquisa (CNPq-Brasil). Professor Titular do Departamento de Ciências Florestais. Universidade Federal de Santa Maria. marchiori@pq.cnpq.br

³ Professor, Dr. Universidade Federal do Rio Grande. danielmarchiorineto@gmail.com

ra em geral, uma vez que essa peça de extraordinário valor sobre o principal “Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade” no Rio Grande do Sul somente tornou-se conhecido, em nosso meio, após a publicação de “Die Erkundung Brasiliens”, de Zischler et al. (2013), e do artigo de Marchiori et al. (2016), de recente publicação na revista *Balduinia*. Perdido em meio aos arquivos de um fabuloso museu da Alemanha, mesmo assim não é justificável tal atraso, sobretudo após as ponderações de Bell (2010) sobre o referido acervo⁴.

No caso de *Butia Noblickii*, o lapso assume tom de autocrítica: se os autores da referida descrição⁵ tivessem investigado a tempo – e com a devida profundidade –, poder-se-ia aproveitar a ocasião para homenagear Aimé Bonpland no nome específico desta palmeira, visto ter sido ele o primeiro a reconhecer, mesmo que sem validade segundo as normas de nomenclatura botânica, que a espécie de butiá encontrada à margem direita do Rio Uruguai, entre Paso de los Libres e a atual cidade de Bonpland, na província argentina de Corrientes, é distinta de *Butia yatay*.⁶

Por falar em Bonpland, é justamente de seus “Archives inédites” que se resgatou o fragmento textual que justifica o presente artigo e esclara

rece, definitivamente, o tema da dispersão austral de *Peltophorum dubium*.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Abordada por diversos autores, as informações sobre a distribuição da canafístula se mostram repetitivas, bastando pinçar alguns trabalhos mais significativos para se obter um bom esboço do quadro.

Com base em farta bibliografia, Carvalho (2003) informa que a distribuição da canafístula (*Peltophorum dubium*) se estende, no Brasil, do estado da Paraíba ao Rio Grande do Sul (7 - 29°S), atingindo seu limite austral no departamento de Artigas (30° 25’ S), no Uruguai. Siminski et al. (2011), por sua vez, referem que a espécie cresce desde 30m s.n.m., no Rio de Janeiro, até 1300m em Minas Gerais, sendo frequente nas florestas estacionais Semidecidual e Decidual, bem como no Cerradão, em encaves da região Nordeste e no Pantanal.

Por sua ocorrência ao longo da diagonal sul-americana de formações abertas, Pennington et al. (2000) incluíram *Peltophorum dubium* entre as espécies de “florestas tropicais estacionalmente secas” da região Neotropical, isto é, de florestas com dossel fechado e que ocorrem em áreas disjuntas, sobre solos férteis, com clima variado e flora lenhosa dominada por Leguminosae (= Fabaceae) e Bignoniaceae. Segundo os mesmos autores, a ampla dispersão desse grupo de espécies em áreas isoladas sugere, presumivelmente, uma ocorrência ainda mais vasta em períodos frios e secos do Pleistoceno, inclusive na Amazônia.

No Uruguai, o registro pioneiro se deve a Lombardo (1943), autor que assinalou a ocorrência natural de *Peltophorum dubium* em ilhas do Rio Uruguai, no departamento de Artigas. Mais recentemente, Brussa & Grela (2007) confirmaram a mesma em “bosques” ribeirinhos do Rio Uruguai no departamento de Artigas, sem postular uma eventual ocorrência mais ao sul, no departamento de Salto. Essa distribuição geográfica chama atenção pelo fato da espécie encontrar-se, na Argentina, tanto em ilhas como

⁴ “Given the intense cultural cooperation between Germany and Brazil, it is difficult to understand why southern Brazilian academics (not a few of whom stem from German-Brazilian backgrounds) have not done more to assess the papers at Berlin of the naturalist Friedrich Sellow. This includes his drawings of indigenous people and his plans of the former Jesuit missions in Rio Grande do Sul” (BELL, S. *A life in shadow. Aimé Bonpland in Southern South America, 1817-1858*. Stanford: Stanford University Press, 2010. p. 226).

⁵ DEBLE, L.P.; MARCHIORI, J.N.C.; ALVES, F. da S.; DEBLE, A.S. de O. O tipo de *Butia yatay* (Mart.) Becc. e descrição de uma espécie nova do gênero. *Balduinia*, Santa Maria, n. 35, p. 1-18, 2012.

⁶ MARCHIORI, J.N.C. Resgate histórico para o butiá de Bonpland, *Butia Noblickii* Deble, Marchiori, F.S Alves & A.S. Oliveira, Arecaceae da província de Corrientes, Argentina. *Balduinia*, Santa Maria, n. 47, p. 1-11, 2015.

em partes altas da margem do Rio Uruguai, nos arredores de Federación e Concordia, no nordeste da província de Entre Ríos (Burkart, 1987). Como a última destas cidades situa-se, justamente, frente a Salto (Uruguai), e a construção da barragem da hidroelétrica binacional de Salto Grande, quinze quilômetros ao norte das mesmas, levou à extinção da mata ciliar do Rio Uruguai por submersão, em longo trecho situado a montante, o lapso apontado na distribuição geográfica se poderia atribuir, perfeitamente, à referida obra de engenharia.

Na literatura do Rio Grande do Sul, Rambo (1966) incluiu *Peltophorum dubium* entre as árvores da “Floresta Pluvial do Rio Uruguai”. Reitz et al. (1983), por sua vez, referem sua ocorrência desde “Marcelino Ramos, Nonoai, Palmeira, Tenente Portela, Santa Rosa e Santo Ângelo, até São Borja”, município por eles considerado como “limite austral” da espécie no Brasil. Galvani (2003) expandiu essa distribuição à “fronteira oeste” do estado, ao confirmar a ocorrência natural da espécie em área do Parque Estadual do Espinilho (município de Barra do Quaraí), às “margens do Uruguai”.

Para o sudoeste do Rio Grande do Sul, Marchiori & Alves (2012) observaram que a canafístula habita na parte média e alta das barrancas do Rio Uruguai, tanto no município de São Borja, como em Itaqui, Uruguai e Barra do Quaraí, e que a distribuição em afluentes como os rios Ibicuí e Quaraí limita-se ao trecho alcançado pelas águas que remontam do Uruguai por ocasião de grandes enchentes, sinalizando disseminação hidrocórica na referida mata ciliar, apesar da dispersão anemófila reconhecida diversos autores, entre os quais Bortoluzzi et al. (2010).

Em todas as considerações sobre a distribuição natural de *Peltophorum dubium* acima consideradas, resta, pendente, a confirmação de registros mais antigos, datados, de preferência, do início da colonização pelo homem branco, a fim de se descartar eventuais antropismos no tema em pauta.

No caso da canafístula, este cuidado cresce em importância pelo reconhecido valor ornamental da espécie. Em 05-10-1909, por exemplo, Joaquim Francisco de Assis Brasil já anotava em seu “Memorandum⁷ de Pedras Altas” a sementeira de canafístula na “15ª e 16ª linhas” do viveiro do Castelo, e que as sementes, “colhidas na praça principal de Uruguaiana”, lhe foram oferecidas em 1908 pelo “então Intendente Municipal, Eng. Adolpho Martins de Menezes”.⁸ Mais adiante, no texto relativo ao dia 22-08-1911, o proprietário registrou o plantio, na “Floresta”⁹, de algumas mudas provenientes “das sementes de Uruguaiana”. Não custa acrescentar que o “Patrono da Agricultura” no Rio Grande do Sul¹⁰ tinha o costume de doar mudas de seu viveiro particular a prefeituras municipais e a amigos interessados no cultivo de árvores, atividade que também justifica o seu reconhecimento como um dos precursores da silvicultura no estado¹¹. Do exposto, o mais importante é a confirmação de que ao fim da primeira década do século vinte já havia árvores adultas desta espécie na Praça Barão do Rio Branco da referida cidade gaúcha, e que as mesmas,

⁷ Diário composto de “cinco encorpados cadernos” em que Joaquim Francisco de Assis Brasil registrou as atividades desenvolvidas em sua “Granja de Pedras Altas” no período de 29-07-1909 até 14-03-1917. Embora inédito, o manuscrito do grande político e ruralista gaúcho serviu de base para o livro “Pedras Altas: a vida no campo segundo Assis Brasil” (Reverbel, 1984) e o artigo “Pedras Altas: uma “Lição de Coisas” (Almeida & Marchiori, 1992).

⁸ Filho do general Bento Martins de Menezes e de Joanna Portugal de Menezes, Adolpho Martins de Menezes (1861-1940) foi o terceiro intendente de sua cidade natal (de 1904 até 1908).

⁹ Bosque implantado com diversas espécies exóticas, situado imediatamente ao sul do castelo de Pedras Altas.

¹⁰ Título concedido pelo governo do estado do Rio Grande do Sul em agosto de 1977.

¹¹ Para maiores informações, consulte-se: MARCHIORI, J.N.C. Primórdios da silvicultura no Rio Grande do Sul. 1 – Notas sobre a introdução do gênero *Eucalyptus* L’Her. *Balduinia*, Santa Maria, n. 44, p. 21-31, 2014.

por já produzirem sementes, devem ter sido plantadas na última década do século dezanove, pelo menos. Apesar desse e de outros eventuais cultivos no início do século vinte, pode-se descartar qualquer ação humana significativa na distribuição da canafístula ao longo do Rio Uruguai no Sudoeste do Rio Grande do Sul, devendo a mesma ser considerada natural.

RESGATE HISTÓRICO

Em pesquisas dessa natureza, o exame de relatos de antigos viajantes e naturalistas geralmente constitui o primeiro manancial a ser investigado, tanto pelas referências à paisagem em tempos de população ainda rarefeita e, por conseguinte, de escassa pressão sobre os recursos naturais, como pelo costume, entre os viajantes da época, de registrarem vivências em terras distantes, com vistas à eventual publicação. Neste contexto, ressalta-se que a fronteira oeste do Rio Grande do Sul esteve na rota dos principais naturalistas que percorreram o estado no século XIX e que, além disso, a entrada do “homem branco” no Tape¹² também se deu a partir do oeste, em princípios do século XVII, pelos padres jesuítas envolvidos na catequização dos índios.

A canafístula, dita “ivirá-pità” em guarani, é nome menos contraditório na literatura do período jesuítico do que outras espécies florestais, tais como: o “apítereví” (*Cordia trichotoma*), o “cavure-í” (*Myrocarpus frondosus*), o “curi-í” (*Araucaria angustifolia*), o guayaiví” ou “guayá-ivirá” (*Cordia americana*), o “igarí” (*Cedrela fissilis*), o “ivira-pepè” (*Holocalyx balansae*), o “ñanduvaí” (*Prosopis affinis*), o “tatayivá”

(*Maclura tinctoria*), os “tayís” (*Handroanthus heptaphyllus*, *H. albus*, *H. pulcherrimus*), o “timbó” (*Enterolobium contortisiliquum*) e o “urunde-í” (*Myracrodruon balansae*)¹³, cujas madeiras eram as preferidas em construções, na estatuária e mobiliário, de acordo com Oliveira (2004) e Schulze-Hofer & Marchiori (2008), entre outros autores.

No tocante à literatura de viajantes e de naturalistas propriamente dita, a canafístula também prima pela ausência de referências, e por motivos distintos. No caso de Saint-Hilaire (2002), que foi o pioneiro neste setor e investigou a margem esquerda do Rio Uruguai desde Colônia (Uruguai) até São Borja, tendo visitado Paysandu, Salto, Santa Rosa (atual Bella Unión) e Itaqui, entre outras localidades, a espécie nem sequer é mencionada, apesar do botânico ter realizado o trajeto em pleno verão, no auge da vistosa floração da espécie.

De igual modo, a leitura atenta dos relatos de viagem de Sellow (Marchiori et al., 2016), Isabelle (1943), Avé-Lallemant (1953) e Lindman (1906) também não fornece qualquer contribuição ao tema em pauta, motivo pelo qual não surpreende a lacuna fitogeográfica evidenciada no capítulo precedente, pelo menos no que se refere ao Rio Grande do Sul, até poucos anos atrás.

Companheiro de Alexander von Humboldt na célebre viagem às “regiões equinociais” do continente americano¹⁴, Aimé Bonpland viveu por mais de 42 anos em diferentes pontos da bacia do Rio da Prata, desde janeiro de 1816, quando retornou à América do Sul para se estabelecer em Buenos Aires, até sua morte,

¹² Antigo nome do Rio Grande do Sul, ao tempo da chegada dos primeiros padres jesuítas (século XVII). Não custa salientar, ainda, que a ocupação do oeste gaúcho antecede, em muitas décadas, a entrada dos primeiros lagunenses na costa leste do Rio Grande do Sul. Por sua vez, o forte ou “Presídio Jesus, Maria, José”, origem da atual cidade do Rio Grande, foi fundado pelo brigadeiro José da Silva Pais em 19-02-1737, passado mais de um século, portanto, do início da ação jesuítica no Tape.

¹³ Os nomes guaranis de espécies botânicas são apresentados por ordem alfabética e segundo a grafia utilizada por: GATTI, C. *Enciclopedia Guarani-Castellano de Ciencias Naturales y conocimientos paraguayos*. Asunción: Arte Nuevo Editores, 1985. 329 p.

¹⁴ Expressão extraída do título do livro dessa viagem: HUMBOLDT, A. de. *Viaje a las regiones equinociales del Nuevo Continente hecho de 1799 hasta 1804 por Al. de Humboldt y A. Bonpland*. Paris: Casa de Rosa, 1826.

acontecida a 11 de maio de 1858 em sua “estância de Santa Ana”, no sul da província de Corrientes.

Em fins de 1821, Bonpland foi aprisionado na antiga redução jesuítica de Santa Ana¹⁵ a mando do ditador paraguaio José Gaspar Rodríguez de Francia, e levado da atual província argentina de Misiones para a margem direita do rio Paraná, em território paraguaio, onde ficou retido por nove anos e dois meses na aldeia de Santa Maria de Fé (26°47'06"S 56°56'24"O). Após a libertação, o botânico francês encaminhou-se à vila de São Borja (RS – Brasil), onde viveu de 14-02-1931 até 01-06-1853, com exceção do tempo envolvido em suas numerosas viagens. Após essa última data, ele passou a residir em sua estância de Santa Ana¹⁶, no atual município de Bonpland, departamento de Paso de los Libres (Argentina).

Além da atividade como médico, o botânico francês dedicou-se à criação de gado e à agricultura, notadamente ao cultivo e exploração da erva-mate, deslocando-se de tempos em tempos a Montevideu ou a Buenos Aires para dar prova de vida no consulado de seu país natal e, assim, receber a pensão que lhe havia sido outorgada pelo governo francês. Bonpland também esteve por diversas vezes em Corrientes (capital), mas uma única vez em Porto Alegre (1847), em trajeto feito por terra, desde São Borja, bem como em Assunção (1857), desta vez em viagem pelo Rio Paraguai, a partir da cidade de Corrientes.

A par de suas múltiplas atividades, Bonpland seguiu coletando e descrevendo plantas, mas nada publicou desse material em vida, o qual seguiu inédito, por muitos anos. O fragmento ora reproduzido procede de edição facsimilar de seu diário botânico, constando no segundo volume dos *Archives inédites*, que veio a lume em 1924, em edição do Instituto de Botânica e

Farmacologia da Faculdade de Ciências Médicas de Buenos Aires.

Reproduzido na Figura 1, o texto refere-se à coleta de número 2819, constante à folha 45 do manuscrito original¹⁷, e que foi realizada em sua última viagem de barco a Montevideu¹⁸. Sobre a mesma, sabe-se, apenas, que Bonpland e José Maria, um jovem a seu serviço, deixaram a estância de Santa Ana em 13-10-1855 e que a coleta foi realizada à margem do Uruguai, à jusante do ponto de partida.

À esquerda do texto, vê-se o nítido desenho de um legume samaróide de *Peltophorum dubium*, com duas sementes. Ao nome guarani “ibirapuytá”, correspondente a canafístula em português, Bonpland anotou, na sequência: *voyer les plantes décrites a Corrientes en 1820*¹⁹, em clara alusão à coleta anterior, feita na referida capital de província, para onde ele inicialmente se encaminhou, ao deixar a esposa e enteada em Buenos Aires.²⁰ Se Aimé Bonpland tivesse publicado a tempo a descrição de 1820, o seu célebre nome também estaria ligado ao da canafístula, uma vez que a espécie foi descrita apenas em 1825 por Curt Polycarp Joachim Sprengel, sob o nome de *Caesalpinia dubia*, e transferida ao gênero *Peltophorum* em 1892, por Paul Hermann Wilhelm Taubert, motivo pelo

¹⁵ Em terras da atual província argentina de Misiones.

¹⁶ Essa estância foi por ele recebida por enfiteuse em 1838; o título definitivo da mesma, todavia, somente lhe foi concedido pelo governo de Corrientes em 25-11-1956.

¹⁷ BONPLAND, A. *Archives Inédites. Journal de Botanique*. Tomo 2. Buenos Aires: Jacobo Peuser Ltda., 1924. (Trabajos del Instituto de Botánica y Farmacología, Facultad de Ciencias Médicas de Buenos Aires, n. 42).

¹⁸ Sobre as peripécias dessa viagem, Aimé Bonpland contou, em carta de 30-03-1856, enviada a Juan Gregorio Pujol, que ficou parado 22 dias na costa de Colônia (atual Colonia del Sacramento, cidade uruguia situada na embocadura do Rio da Prata, frente à Buenos Aires), pelo fato de seu barco ter enfrentado tempestades diárias, provenientes do sul (PUJOL, J. *Corrientes en la organización nacional*. Buenos Aires: Imprenta G. Kraft, 1911. v. 6, p. 72).

¹⁹ “Ver as plantas descritas em Corrientes em 1820”, em tradução ao português.

²⁰ De janeiro de 1817 a outubro de 1820, Bonpland viveu na capital argentina com Adélia Bouchy, sua esposa, e a enteada Emma, às quais não voltou a ver após a última data.

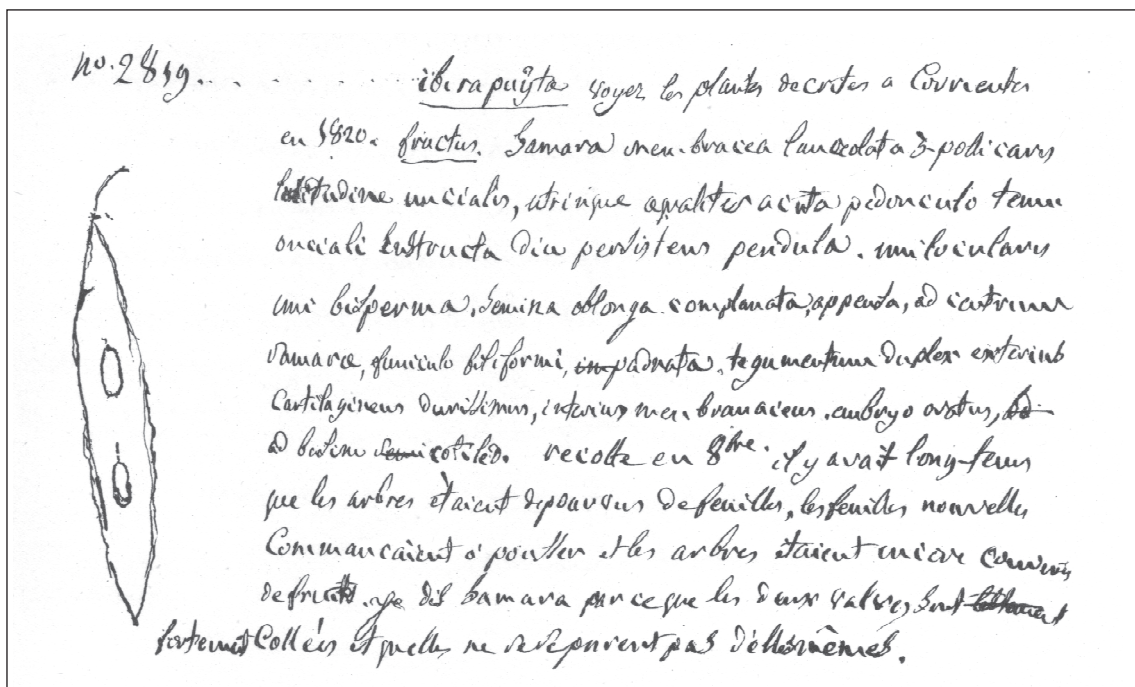


FIGURA 1 – Desenho, diagnose Latina e comentários de Aimé Bonpland sobre a coleta de “ivirapitá” (*Peltophorum dubium*) na mata ciliar do Rio Uruguai, a jusante de sua estância de Santa Ana, na província de Corrientes, Argentina. Fonte: BONPLAND, A. *Archives Inédites. Journal de Botanique*. Tomo 2, s.p. Buenos Aires: Jacobo Peuser Ltda., 1924. (Trabajos del Instituto de Botánica y Farmacología, Facultad de Ciências Médicas de Buenos Aires, n. 42).

qual a mesma figura na literatura botânica como *Peltophorum dubium* (Spreng.) Taub., que é o seu nome científico válido.

Ambas as coletas, tanto a realizada na capital de Corrientes em 1820, como a de 1855, feita na mata ciliar do Rio Uruguai, foram realizadas na mesma época do ano, quando as árvores se encontram com frutos maduros, prontos para dispersão. Após breve diagnose em latim, o botânico anotou que a coleta deu-se em outubro (*Récolté en 8^{bre}*), que as árvores já estavam sem folhas a bastante tempo, que as folhas jovens começavam a aparecer e que os frutos constituíam verdadeiras sâmaras, por terem valvas fortemente coladas entre si.

A respeito do local preciso desta coleta de nº 2819, nada se pode concluir pelo exame do manuscrito de Bonpland, a não ser que ela foi realizada na costa do Rio Uruguai e, provavelmente, em sítio escolhido para descanso. O local poderia corresponder aos arredores de Monte

Caseros, ainda na província de Corrientes, então recentemente fundada²¹, ou mesmo a Federación e Concordia, na província argentina de Entre Ríos. Também não se pode descartar que a mesma tenha sido feita em território gaúcho, tal como em Barra do Quaraí, ou nos

²¹ A cidade de Monte Caseros, cabeceira do departamento homônimo, situa-se no extremo sudeste da província de Corrientes, frente à cidade uruguaia de Bella Unión e muito próximo, portanto, da brasileira Barra do Quaraí. Fundada a 02-02-1855 pelo governador Juan Gregorio Pujol, Monte Caseros evoca a batalha de mesmo nome (Monte Caseros, Caseros ou Santos Lugares), travada a 03 de fevereiro de 1852 nos arredores de Buenos Aires, e que selou a derrota de Juan Manuel de Rosas (presidente da Confederação Argentina) pelo “Exército Grande”, encabeçado por Justo José de Urquiza (governador de Entre Ríos), com o apoio de tropas de sua província, da província de Corrientes, do Uruguai e do Brasil. Com a designação dessa localidade, o governador Pujol logrou marcar, para a posteridade, a grande derrota de seu oponente, Juan Manoel de Rosas.

atuais departamentos uruguaios de Artigas e Salto.

O que importa, nesta histórica coleta de Bonpland, é que, apesar do irremediável desaparecimento do material botânico, ficou o registro fidedigno do mesmo, o qual comprova – e de modo definitivo –, que *Peltophorum dubium* é espécie nativa na mata ciliar do Rio Uruguai, e que os arredores da cidade de Concórdia, onde ainda hoje se encontram indivíduos adultos junto à vegetação natural, podem ser considerados como limite austral de distribuição da espécie. Naquele recuado tempo (1855), a reduzida população existente na região e, por consequência, a diminuta pressão então exercida sobre os recursos naturais, além do sabido escasso apreço pelo cultivo de árvores pelos homens do campo naquela época, são fatos que permitem desconsiderar a possibilidade de qualquer efeito antrópico na distribuição natural da canafístula ao longo do Rio Uruguai.

Nos arredores da cidade de Salto, pela situação topográfica da costa uruguaia, igualmente marcada por altos barrancos, a canafístula também dispunha, certamente, das mesmas condições observadas na mata ciliar entrerriana, à margem direita do Rio Uruguai. Não há motivos, portanto, para limitar a distribuição natural da espécie, em território uruguaio, ao departamento de Artigas.

À montante da represa de Salto Grande, o espelho d'água da referida hidrelétrica, além de haver sepultado a mata ciliar onde se encontrava a canafístula, passou a estabelecer contato com a vegetação campestre, dando lugar a prados úmidos e terrenos planos periodicamente inundados, que são ambientes sabidamente desfavoráveis ao estabelecimento de *Peltophorum dubium*. Sobre esse ponto, não custa lembrar que a espécie, embora presente na mata ciliar do Rio Uruguai, não integra o contingente de reófitas.

A respeito do desaparecimento da canafístula na mata ciliar do Rio Uruguai ao sul de Concórdia, a causa reside, provavelmente, mais em aspectos geográficos e hidrológicos do que, propriamente, climáticos. O alargamento progres-

sivo do rio e, por consequência, a diminuição do nível alcançado pelas águas nas enchentes, bem como a redução na altura das barrancas, parecem preponderar como fatores determinantes para o limite austral de *Peltophorum dubium*.

A ocorrência natural da canafístula na mata ciliar do Rio Uruguai também passou a dispor de robusto suporte paleobotânico com a recente descrição anatômica de um fragmento de caule da “Formação El Palmar”, que constitui o primeiro registro do gênero *Peltophoroxylon* (Ramanujam) Müller-Stoll et Mädell do Pleistoceno tardio da Argentina. Coletado nos sítios de *Colonia Ayuí* e *Punta Viracho* (Entre Rios), sua estrutura microscópica “sugere uma relação com *Peltophorum*” cuja única espécie viva na região é, precisamente, *P. dubium*.

CONCLUSÕES

Do anteriormente exposto, conclui-se que:

– A coleta de número 2819, constante no segundo volume dos *Archives inédites* de Aimé Bonpland, publicado em 1924, refere-se, certamente, a *Peltophorum dubium*.

– A espécie já fora descrita pelo botânico francês em 1820, quando ele a coletou na cidade de Corrientes, onde o “ibirápuytá” também é nativo na mata ciliar do Rio Paraná.

– Apesar da descrição realizada por Bonpland ser inválida, seu registro de coleta, datado de outubro de 1857, comprova, definitivamente, a ocorrência natural da espécie na mata ciliar do Rio Uruguai, a jusante do atual município de Bonpland.

– A afirmativa anterior justifica-se pelo fato de que a baixa densidade populacional então existente exercia pressão tão reduzida sobre os recursos naturais da região que pode ser desconsiderada, no caso da dispersão natural de *Peltophorum dubium*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, L.G.B. de; MARCHIORI, J.N.C. Pedras Altas: uma “Lição de Coisas”. *Palaión*, Santa Maria, v. 2, n. 1, p. 13-47, 1992.
- AVÉ-LALLEMANT, R. *Viagem pelo Sul do Brasil no ano de 1858*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1953. 398p.

- BELL, S. *A life in shadow*. Stanford: Stanford University Press, 2010. 320 p.
- BONPLAND, A. *Archives Inédites. Journal de Botanique*. Tomo 2. Buenos Aires: Jacobo Peuser Ltda., 1924. (Trabajos del Instituto de Botánica y Farmacología, Facultad de Ciências Médicas de Buenos Aires, n. 42).
- BORTOLUZZI, R.L. da C.; MIOTTO, S.T.S.; REIS, A. Leguminosae-Cesalpinioideae. In: REITZ, R. & REIS, A. *Flora Ilustrada Catarinense*. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues, 2010. 158 p.
- BRUSSA SANTANDER, C.A.; GRELA GONZÁLEZ, I.A. *Flora arbórea del Uruguay. Con énfasis en las especies de Rivera y Tacuarembó*. Montevideo: Cofusa, 2007. 542 p.
- BURKART, A. Leguminosae (= Fabaceae), Leguminosae. In: BURKART, A.; BURKART, N.S.T.; BACIGALUPO, N.M. *Flora ilustrada de Entre Ríos (Argentina)*. Buenos Aires: INTA, 1987. v. 6. 763p.
- CARVALHO, P.E.R. *Espécies florestais brasileiras*. Brasília: Embrapa, 2003. v. 1. 1039p.
- DEBLE, L.P.; MARCHIORI, J.N.C.; ALVES, F. da S.; DEBLE, A.S. de O. O tipo de *Butia yatay* (Mart.) Becc. e descrição de uma espécie nova. *Balduinia*, Santa Maria, n. 35, p. 1-18, 2012.
- GALVANI, F.R. *Vegetação e aspectos ecológicos do Parque Estadual do Espinilho, Barra do Quaraí, RS*. 132 f. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Botânica).
- GATTI, C. *Enciclopedia Guarani-Castellano de Ciencias Naturales y conocimientos paraguayos*. Asunción: Arte Nuevo Editores, 1985. 329p.
- HUMBOLDT, A. de. *Viage a las regiones equinocciales del Nuevo Continente hecho de 1799 hasta 1804 por Al. de Humboldt y A. Bonpland*. Paris: Casa de Rosa, 1826.
- ISABELLE, A. *Viaje a Argentina, Uruguay y Brasil, en 1830*. Bs. Aires: Ed. Americana, 1943. 451p.
- LINDMAN, C.A.M. *A vegetação no Rio Grande do Sul (Brasil austral)*. Porto Alegre: Echenique Irmãos & Cia., 1906. 356p.
- LOMBARDO, A. Noticia de la vegetación de la costa oriental del Rio Uruguay en los departamentos de Paysandu, Salto y Artigas. *Comunicaciones Botánicas del Museo de Historia Natural de Montevideo*, n. 4, p. 1-9, 1943.
- MARCHIORI, J.N.C. Primórdios da silvicultura no Rio Grande do Sul. 1 – Nota sobre a introdução do gênero *Eucalyptus* L'Her. *Balduinia*, Santa Maria, n. 44, p. 21-31, 2014.
- MARCHIORI, J.N.C. Resgate histórico para o butiá de Bonpland, *Butia Noblickii* Deble, Marchiori, F.S. Alves & A.S. Oliveira, Arecaceae da província de Corrientes, Argentina. *Balduinia*, Santa Maria, n. 47, p. 1-11, 2015.
- MARCHIORI, J.N.C.; ALVES, F. da S. Nota sobre a distribuição geográfica de *Peltophorum dubium* (Spreng.) Taub. no Rio Grande do Sul. *Balduinia*, Santa Maria, n. 33, p. 27-31, 2012.
- MARCHIORI, J.N.C.; PONTES, R.C.; NETO, D.L.M. Textos inéditos de Friedrich Sellow. 1 – Viagem às Missões Jesuíticas da Província de São Pedro do Grande do Sul. *Balduinia*, Santa Maria, n. 51, p. 12-24, 2016.
- OLIVEIRA, M.O. de. *Identidade e interculturalidade. História e arte guarani*. Santa Maria: Editora UFSM, 2004. 261p.
- PENNINGTON, R.T.; PRADO, D.E.; PENDRY, C.A. Neotropical seasonally dry forests and Quaternary vegetation changes. *Journal of Biogeography*, n. 27, p. 261-273, 2000.
- PUJOL, J. *Corrientes en la organización nacional*. Buenos Aires: Imprenta G. Kraft, 1911. v. 6. p. 72.
- RAMBO, B. Leguminosae riograndenses. *Pesquisas, Botânica, São Leopoldo*, n. 23, p. 1-50, 1966.
- RAMOS, R.S.; BREA, M.; PARDO, R. A new fossil wood of *Peltophoroxydon* (Leguminosae: Caesalpinioideae) from the El Palmar Formation (Late Pleistocene), Entre Ríos, Argentina. *IAWA Journal*, v. 35, n. 2, p. 199-212, 2014.
- REITZ, R.; KLEIN, R.M.; REIS, A. Projeto Madeira do Rio Grande do Sul. *Sellowia*, Itajaí, n. 34-35, p. 1-525, 1983.
- REVERBEL, C. *Pedras Altas: a vida no campo segundo Assis Brasil*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1984. 168 p.
- SAINT-HILAIRE, A. de. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Brasília: Senado Federal, 2002. 575p.
- SCHULZE-HOFER, M.C.; MARCHIORI, J.N.C. *O uso da madeira nas reduções Jesuítico-Guarani do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: IPHAN, 2008. 80p.
- SIMINSKI, A.; SCHUCH, C.; FANTINI, A.C.; CANCI, I.J. *Peltophorum dubium*, Canafístula. In: CORADIN, L.; SIMINSKI, A.; REIS, A. (Ed.). *Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial*. Brasília: MMA, 2011. p. 507-511.
- ZISCHLER, H.; HACKETHAL, S.; ECKERT, C. *Die Erkundung Brasiliens. Friedrich Sellow's unvollendete Reise*. Berlin: Galiani, 2013. 253 p.